

O PAPEL DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE BATERIA

GTE 15 - Ensino Instrumental

Comunicação

*Lucas Benjamin Potiguara
Universidade Federal da Paraíba
lucasbenjamimp@gmail.com*

*Juciane Araldi Beltrame
Universidade Federal da Paraíba
jucianemusica@gmail.com*

Resumo: Este artigo consiste em um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso: “*O papel de recursos tecnológicos no processo de aprendizagem de bateria*”. A temática abordada nesta pesquisa discutiu a tecnologia como recurso na aprendizagem da bateria. Teve como objetivo geral: compreender qual o papel dos recursos tecnológicos no processo de aprendizagem do instrumento para os estudantes de bateria do curso de licenciatura em música da UFPB. Os objetivos específicos são: analisar quais tecnologias estão presentes no processo de estudo da bateria e como são utilizadas pelos alunos; discutir desafios e possibilidades do uso dos recursos eletrônicos para a aprendizagem de bateria; verificar a articulação dos recursos tecnológicos nas aulas de bateria da UFPB. A metodologia consistiu num estudo qualitativo tendo como fonte de dados: pesquisa bibliográfica e entrevista coletiva com estudantes de bateria da UFPB. A revisão de literatura aponta que há potencialidade das transformações tecnológicas nas formas de aprender, ensinar e consumir música, principalmente tendo como foco o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem do instrumento. Mas também é possível perceber uma lacuna quando procuramos tratar do ensino-aprendizagem de bateria aliado a tecnologia, utilizando esta como recurso para a aprendizagem. Os principais resultados mostram que o uso de recursos tecnológicos podem proporcionar o desenvolvimento de diferentes experiências de aprendizagem da bateria, como o desenvolvimento da autonomia e da autoaprendizagem.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem de bateria; educação musical; recursos tecnológicos.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa de conclusão de curso realizada no primeiro semestre de 2021 articulando as temáticas: aprendizagem de bateria e tecnologia. O lócus do estudo foi o curso de licenciatura em música da UFPB, a partir da visão dos estudantes de bateria.

O processo de aprendizagem da bateria, assim como ocorre com outros instrumentos relacionados à música popular, é comum o mesmo dar-se fora dos contextos formais. Como afirma Melo (2015, p. 35), “os músicos populares são geralmente influenciados pelos familiares e amigos próximos, aprendem a tocar seu instrumento através de observações de outros músicos e utilizam o tirar músicas de ouvido”. Ao referir-se a tirar músicas de ouvido, esta é uma prática bastante comum que consiste em: ouvir, praticar, tentar, resolver problemas e tocar o instrumento ouvindo discos (faixas musicais). Quanto à prática das observações, esta ocorre através da observação atenta da performance de outros músicos, a fim de entender cada detalhe do que é tocado. As observações podem ocorrer tanto em apresentações ao vivo, como em vídeos disponibilizados na internet.

Atualmente já é possível estudar bateria em ambientes de ensino formal. Bastos (2010) afirma que a bateria e a percussão passaram por um processo de escolarização a partir da década de 1980 e hoje em dia esses instrumentos já estão inseridos em conservatórios, institutos federais, faculdades privadas e universidades públicas. Entretanto, Bastos (2010) observou em sua dissertação que os bateristas investigados, mesmo depois de terem ingressado em ambientes de educação formal e não-formal, ainda continuaram a aprender, cada um da sua forma, de maneira informal.

Como dito anteriormente, muitos bateristas estudam seu instrumento por conta própria, mesmo aqueles que têm acesso a aulas em ambientes de ensino formal. Muitas das informações são obtidas através da internet, ou outras mídias físicas. Como aponta Gohn (2016), é possível encontrar facilmente ofertas diversas de materiais didáticos, videoaulas e aulas online de diversos instrumentos, possibilitando um contato mais imediato do aprendiz com o professor de música. O autor aponta também que:

A criação do YouTube, em 2005, tornou comum a visualização de vídeos pelas redes eletrônicas, incluindo registro de performances e materiais didáticos de bateria, assim como de outros instrumentos. Para aprender a tocar uma música, um indivíduo poderia não somente ouvir gravações repetidamente, mas também assistir aos movimentos realizados pelos instrumentistas para produzir os sons registrados (GOHN, 2016, p. 62).

Vale ressaltar que apesar do baterista passar a ter acesso a mais informações referentes ao seu instrumento, ele não tem como saber se aprendeu de fato, pois como não existe interação entre quem publicou o material e o baterista, ele não tem como saber se está tocando corretamente os exercícios propostos ou até se a sua tentativa de tocar uma

música foi bem sucedida (idem, 2016). Entretanto, é importante apontarmos que no Youtube a interação pode ocorrer, por vezes, através dos comentários e redes de comunicação. Como é o caso de vídeos onde o *vlogger*¹ que produziu o conteúdo pede para que seu público entre em contato e interaja por meio dos comentários do vídeo.

Uma outra prática comum entre os bateristas é a de tocar ouvindo uma música. Que consiste basicamente em ouvir o que foi gravado e em seguida executar tocando e ouvindo a música. Essa prática pode ser feita tanto com uma música onde temos presente o áudio da bateria, como também com os *play alongs*, que são músicas onde o som da bateria é suprimido para que o baterista tenha a sensação de estar tocando junto com uma banda. Essa prática é importante no estudo da bateria e é um exemplo de como a tecnologia integra esse processo de aprendizagem e prática no instrumento.

Autores como: Scharmm (2009), Kruger, Gerling e Hentschke (1999), Hamond e Adessi (2019), Leme (2006) e Melo (2015), propõem diversos usos das tecnologias no ensino de música/instrumento. Em seus trabalhos, os autores discutem e relatam possibilidades de utilização de equipamentos eletrônicos e tecnológicos, e *softwares* aliados ao processo de ensino-aprendizagem do instrumento.

Scharmm (2009) e Leme (2006), tratam do uso da tecnologia voltada para a educação musical. Para Scharmm (2009), o uso da tecnologia pode ser amplo, contemplando diversos conteúdos da área, como também pode ser focada em conteúdos específicos, afirmando que é preciso entender qual o foco do uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem de música. Já para Leme (2006), no processo de ensino-aprendizagem de música, o professor deve ser capaz de refletir e pensar em como o uso de recursos tecnológicos pode ser relevante para o ensino de música. O autor (2006) acrescenta que um professor reflexivo e preparado vai poder utilizar de recursos tecnológicos para o auxílio de seu ensino, porém este não deve esquecer do seu objetivo principal com os alunos, que é de proporcionar um ensino de música e uma prática musical significativa.

Em se tratando do ensino do instrumento, as autoras Kruger, Gerling e Hentschke (1999) e Hamond e Adessi (2019) discutem a utilização de *softwares* no auxílio ao ensino e aprendizagem do piano.

¹ Produtor de conteúdo audiovisual para internet como uma espécie de diário pessoal.

Kruger, Gerling e Hentschke (1999) propõem duas categorias de *softwares* que podem auxiliar no ensino e aprendizagem do piano; os softwares de atuação direta, são aqueles que interferem no processo de ensino-aprendizagem do piano, e os de atuação indireta, que as autoras descrevem como sendo aqueles que inicialmente foram desenvolvidos para a utilização em aulas de teoria, mas que também acabam sendo utilizados para o ensino de instrumento.

Hamond e Addressi (2019) investigaram os usos pedagógicos do software MIROR-Impro a partir do *feedback* adicional provocado pelo uso da tecnologia digital no desenvolvimento da improvisação em instrumentos de teclado. As autoras discutem também o uso do *feedback* mediado por tecnologia procurando entender como pode influenciar no desenvolvimento da improvisação no piano.

Sobre o ensino e aprendizagem de bateria articulada com a tecnologia, considerando a gravação, o trabalho de Melo (2015) discute os efeitos de estudos formais associados ao recurso didático da gravação na prática de bateristas populares. Em sua dissertação, Melo (2015) utiliza da pesquisa-ação para intervir na prática de dois bateristas populares e fez uso da gravação como recurso didático nas aulas. Para o autor:

[...] os registros realizados ao longo das aulas, mostraram resultados positivos de aprendizagem, permitindo que os participantes pudessem se analisar através de vídeos, e, assim também percebessem quais eram as suas limitações e os seus avanços obtidos no estudo da bateria (MELO, 2015, p. 153).

Dessa forma, com base nas pesquisas relativas ao ensino de música/instrumento e tecnologia trazidos aqui, é possível perceber uma unidade em relação à potencialidade das transformações tecnológicas nas formas de aprender, ensinar e consumir música, principalmente tendo como foco o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem do instrumento. Mas também é possível perceber uma lacuna quando procuramos tratar do ensino-aprendizagem de bateria aliado ao uso de recursos tecnológicos. Poucos são os trabalhos que abordam o uso da tecnologia e a bateria, no recorte aqui apresentado, foi possível encontrar mais trabalhos que relacionam o uso do piano/teclado.

Diante desse contexto, essa pesquisa teve como objetivo compreender qual o papel dos recursos tecnológicos no processo de aprendizagem do instrumento para os estudantes de bateria do curso de licenciatura em música da UFPB. E assim, perpassa questões técnicas

referentes a bateria e busca discutir como esses bateristas utilizam das tecnologias como recursos na sua aprendizagem no instrumento, como elaboram diferentes formas de estudar o instrumento e como esse uso tem impacto na prática musical.

A coleta de dados da pesquisa ocorreu na Universidade Federal da Paraíba, com a participação de oito alunos de bateria do curso de licenciatura em música. Na pesquisa foram realizadas duas entrevistas coletivas e semiestruturadas, que ocorreram de forma online pelo google meet. Durante as entrevistas utilizamos algumas técnicas de coleta de dados por grupo focal. As entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas para realização da análise dos dados. Realizamos uma pesquisa bibliográfica como base para reflexões e fundamentando nossas discussões juntamente com os dados coletados nas entrevistas, e em seguida os dados foram analisados correlacionando a temática principal desta pesquisa com os dados obtidos através das experiências dos alunos.

RECURSOS TECNOLÓGICOS E APRENDIZAGEM DE BATERIA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES ENTREVISTADOS

Agora apresentarei os dados coletados nas entrevistas em articulação com autores que discutem a respeito da aprendizagem de bateria e o uso de tecnologia no processo de ensino-aprendizagem de instrumentos.

Por tratar-se de uma disciplina que reúne quase todos os alunos de bateria do curso de licenciatura em música, este grupo apresenta diferentes vivências musicais e características. Assim, elaboramos um quadro (ver Quadro 1) contendo informações com o propósito de contribuir para o melhor entendimento do perfil dos entrevistados:

Quadro 1 - Perfil dos alunos entrevistados

Nome	Idade	Primeiro contato com a bateria	Bateria foi o primeiro instrumento?	Utiliza recursos tecnológicos no estudo da bateria	Início da aprendizagem na bateria	Atuação
Marcos	30	17	Não	Sim	Aulas particulares de bateria	Atua como professor de bateria e em projetos musicais na UFPB
Kamillo	34	12	Sim	Sim	Observação de vídeo aulas	Atua como sideman, faz workshops, gravações
Rodrigo	30	15	Não	Sim	Começou na percussão e seguiu para a bateria	Atua em bandas com baterista e percussionista, e participa de projetos musicais na UFPB
Carlos	23	13	Sim	Sim	Aprendeu bateria na igreja	Atua em uma banda independente
João	19	16	Não	Sim	Aulas de bateria no curso técnico de instrumento musical do IFPB	Atuava como professor de bateria e baterista de banda independente, mas devido a pandemia da Covid-19 todos os projetos deram uma pausa
Hugo	39	20	Não	Sim	Começou a estudar por conta própria	Atua com gravações em seu homestudio e auxilia um professor de trombone da UFPB em gravações de grupos de trombone da Universidade, e toca na igreja
Ewerton	38	12	Sim	Sim	Aulas de bateria na igreja	Atua como músico de banda militar, toca na igreja e é professor de bateria
Gilson	33	7	Sim	Sim	Autodidata	Atua como sideman, fazendo gravações e como professor de bateria

Fonte: Autor da pesquisa

A faixa etária dos entrevistados é variada, o que é natural nos cursos de graduação em música. Neste caso é comum que já estejam atuando profissionalmente e buscam no curso mais uma opção de formação. O tempo que tocam bateria também é um dado que reúne iniciantes e mais experientes na mesma turma. Mesmo entendendo que as aulas de bateria se dão de forma individual, as aulas de classe de bateria são coletivas e isso possibilita uma diversidade em vários aspectos: vivências anteriores e concomitantes a bateria, momentos de vida distintos, tempo de contato com o instrumento e etc.

Como aprenderam a tocar bateria

É comum encontrarmos bateristas que começaram a estudar o instrumento sozinhos, sem ter auxílio de professores de bateria, geralmente influenciados por familiares (MELO, 2015). Os entrevistados relataram esse tipo de experiência no seu aprendizado de bateria.

Nesse contexto, é possível percebermos como os bateristas utilizam da tecnologia para auxiliá-los no seu processo de aprendizagem do instrumento. Assim relata também o entrevistado Marcos:

[...] uma coisa que eu utilizava bastante [...] foi o Guitar pro, que é um software de edição de partitura. [...] esse programa, ele me ajudou bastante, porque as dúvidas que eu tinha, se eu tava tocando a coisa certa ou errada, [...] jogava no programa, botava para tocar (MARCOS)

O entrevistado relata o uso de um *software* como ferramenta para gerar parâmetros de avaliação em seu estudo, onde faz um estudo comparativo, de apreciação. O *software* proporciona o que Hamond e Adessi (2019) chamam de “*feedback* auditivo”, mesmo que o som reproduzido no editor de partituras não seja uma reprodução do que o aluno executou, ele pode utilizar o áudio do *software* como referência. O entrevistado Marcos também segue uma perspectiva do uso da tecnologia levantado por Schramm (2009), que é o “aprendizado de música através do uso da tecnologia”, onde o baterista utiliza a tecnologia como um recurso que auxilia no aprendizado do instrumento.

O uso da tecnologia no estudo da bateria e nas aulas da UFPB

As mídias sociais apresentaram um papel importante no processo de aprendizagem de bateria. Além de serem ambientes que servem como canal de interação entre pessoas, também podem ser utilizados como um ambiente de registro e armazenamento de conteúdos. O entrevistado Kamillo relata que utiliza o aplicativo Instagram para registrar, armazenar e analisar seus estudos na bateria. De forma semelhante, faz o entrevistado Marcos com o YouTube. Segundo ele, após a criação de um canal no site, ele costuma compartilhar vídeos de suas performances e também utiliza esses registros como parâmetro para avaliar-se.

Os entrevistados falam também da importância do contato visual para a aprendizagem da bateria, utilizando da observação como ferramenta para o estudo do instrumento. A observação é um recurso bastante utilizado em aulas de instrumento, pois permite ao aluno uma aprendizagem por imitação. Nesses espaços, o baterista pode não somente ouvir e ver as gravações, como também atentar-se aos movimentos realizados pelos músicos para tocar seus instrumentos e produzir os sons registrados (GOHN, 2016). Como relata o entrevistado Marcos:

[...] eu vi um vídeo no YouTube de um cara que colocou um play along [...] de um frevo tocando a 140[bpm], [...] era só pandeiro, surdo e caixa. E aí, eu comecei a ver o movimento que ele fazia, [...] eu entendi, então [...], é o movimento quem vai dar o *swing* e o acento a gente vai só controlando ali a força (MARCOS).

Entretanto, apesar do baterista ter o acesso imediato a um grande número de conteúdos, pode lhe faltar, em muitos momentos, a interação com quem produziu o conteúdo assistido, e isso pode resultar em um não entendimento de se realmente o baterista aprendeu ou não o conteúdo estudado, “pois não há *feedback* para a sua tentativa de tocar a música ou o exercício proposto” (GOHN, 2016, p. 62). Além disso, também é importante entender que nem todo material postado no YouTube é feito por professores, ou tem algum fim pedagógico, então a própria orientação de quem produz o conteúdo pode ser confusa, se somada a enorme quantidade de vídeos disponibilizados com uma mesma temática. O entrevistado João relata que durante seu estudo de bateria passou por momentos onde não conseguia estudar devido a grande quantidade de informações e uma falta de autonomia para conseguir discernir conteúdos favoráveis para o seu estudo.

Isso nos leva a refletir sobre como o acesso a excessivas informações pode ser negativo para o estudante, pois pode trazer mais dúvidas e frustrações do que aprimoramento de seu conhecimento. Além de quê, nos mostra que talvez seja importante para o estudante ter o auxílio de um professor para ajudá-lo a conduzir melhor seu estudo, e possibilitando também ao aluno um melhor entendimento de quais materiais podem ser mais interessantes para o seu estudo. O professor pode entrar em cena atuando como mediador, estabelecendo com o estudante pontos a serem observados durante sua prática, para que assim com o tempo o próprio baterista consiga obter a sua autonomia em relação ao seu estudo.

A construção da autonomia pode estar ligada com os processos de autoavaliação. Sobre isso, o entrevistado Hugo relata:

[...] eu me avalio de acordo com os parâmetros que alguém me ensinou um dia. Assim, ‘*olhe Hugo, o seu posicionamento da mão esquerda tem que estar de tal forma*’. Aí eu vou lá, não só com a parte do áudio, mas até com a câmera. [...] eu vou ver, a minha mão esquerda não tá tão legal, tem dia que ela tá lá no lugar certo, tem dia que ela não quer ficar no lugar certo, e o que me faz perceber isso é monitoração (HUGO).

Importante salientarmos aqui que a ideia é trazer cada vez mais o estudante para o protagonismo de sua aprendizagem. O autor Pierre Levy (2010, p. 171) afirma que em um ambiente tecnológico, “[...] a principal função do professor não pode mais ser a difusão dos conhecimentos, que agora é feito de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento”. Deste modo, concordamos com Levy e entendemos que o professor pode ensinar a buscar e organizar o conteúdo e, a partir daí, o aluno vai ter a possibilidade de desenvolver suas próprias estratégias de aprendizagem.

Os entrevistados também relataram o uso do *smartphone* durante seus estudos na bateria. As principais funcionalidades utilizadas pelos entrevistados são as câmeras filmadoras, gravadores de áudio e os aplicativos, e seus usos, estão sempre relacionados à apreciação e ao desenvolvimento da autoavaliação e da autoavaliação.

Ao fazermos uma gravação em áudio e/ou vídeo de um estudo, uma performance ou uma ideia musical, temos em nossas mãos um retrato de um momento específico do tempo, proporcionando ao baterista, “ouvi-la diversas vezes, estando sujeito a perceber e internalizar múltiplos detalhes desse registro, assim como construir outras possibilidades de arranjos, através da observação dos seus erros e acertos” (MELO, 2011, p. 1718). Consequentemente, isso nos possibilita analisar e apreciar nossa performance.

Segundo França e Swanwick (2002, p. 12), “a apreciação é uma forma legítima e imprescindível de engajamento com a música. Através dela podemos expandir nossos horizontes musicais e nossa compreensão”. O entrevistado Kamillo relata que ao ouvir com um olhar crítico antigas gravações suas, isso o ajuda a entender erros e, acima de tudo, o auxilia na correção dos mesmo.

O uso da gravação como um recurso pode auxiliar nos estudos do instrumento dentro do processo de aprendizagem do baterista. Conforme Melo (2015) relata a experiência dos participantes da pesquisa que resultou em sua dissertação, “as gravações trouxeram pontos positivos de aprendizagem de bateria” (MELO, 2015, p. 147).

E a prática da gravação não precisa restringir-se somente ao ambiente de estudo do baterista. É possível utilizar este recurso de gravação dentro do ambiente de prática musical, como as gravações de apresentações. Assim relata o entrevistado Rodrigo, que durante a pandemia em alguns dos shows que fez, levou um tripé para seu celular e registrou seus shows. Ele expõe que, “a gente vê coisa quando a gente grava, que a gente não vê se a gente

não tivesse gravado, que a gente não percebe. No show, em uma apresentação é muita informação” (RODRIGO).

Percebemos que práticas podem desenvolver nos bateristas a autoavaliação, como afirma Melo (2015, p. 67): “quando se grava a prática no instrumento, seja em sala de aula, seja em ensaios, ou apresentações, seguido de momentos de audições críticas das gravações realizadas, cria-se um espaço para auto avaliação”.

Assim, o uso da gravação como recurso para aprendizagem da bateria mostra-se bastante favorável para um bom desenvolvimento do baterista. E torna-se importante desenvolver nos bateristas essa consciência dos benefícios obtidos com a autoavaliação, principalmente para os alunos entrevistados nesta pesquisa.

Já quanto a utilização de aplicativos, estes, facilitam o acesso a equipamentos, que em outros tempos eram menos acessíveis, como é o exemplo do metrônomo, que é em grande parte um aplicativo disponibilizado de maneira gratuita nos *smartphones*.

O entrevistado João relata que utiliza um aplicativo de metrônomo que disponibiliza além das funcionalidades convencionais do metrônomo também agrega recursos como o gravador de áudio e o cronômetro, que ele utiliza para contabilizar seu tempo de estudo. João expõe uma característica dos *smartphones* que é a de unir diferentes ferramentas em um único ponto, como é o caso do aplicativo apresentado por ele.

Um outro aplicativo citado entre os entrevistados é o *Spotify*. A vasta quantidade de músicas disponíveis no aplicativo torna o seu uso bastante interessante no estudo de bateria com *play along*, um termo em inglês utilizado para identificar um formato de performance gravada com a subtração de um instrumento para que se possa praticar tocando com o áudio. Normalmente os *play alongs* são produzidos para ter a ausência de um instrumento específico, geralmente é extraído a faixa de áudio do instrumento de quem vai acompanhar o *play along*, ou o mesmo pode ser já produzido sem o instrumento em questão.

O estudo com *play along* não precisaria limitar-se a tocar uma música com a ausência de seu instrumento, mas também pode possibilitar que o baterista desenvolva seu estudo a partir de músicas que nunca possuíram uma bateria gravada, gerando assim um estudo do instrumento com foco na criação musical, por exemplo. E assim relata o entrevistado Kamillo sobre o uso do *Spotify* no seu estudo de bateria, onde através de pesquisas ele encontrou discos de *jazz* onde não se tinha bateria gravada.

Com o avanço da tecnologia já é possível termos a disposição aplicativos como o *moises.ai*, aplicativo que utilizo em minha prática e em aulas, que possibilita a extração do áudio de instrumentos em qualquer música.

Com ele é possível tocar qualquer música como um *play along*, pois o aplicativo, por meio de inteligência artificial, consegue extrair a faixa de áudio de vozes e/ou instrumentos, proporcionando uma prática musical bem mais significativa, pois o baterista fica livre para estudar músicas que fazem parte do seu universo, do seu gosto e não precisa mais ficar restrito a *play alongs* “genéricos”.

Vale salientar, que em contextos de aulas online, esse recurso pode ser explorado à medida que as ferramentas disponíveis hoje para aulas online não são favoráveis para aulas de instrumento, a medida que a sincronização de áudio é um problema presente nestes ambientes virtuais. Assim, o estudante pode utilizar o *play along* para transmitir ao seu professor sua prática musical.

E partindo desse contexto, investigamos o uso de recursos tecnológicos nas aulas de bateria da UFPB. Os bateristas entrevistados relataram não haver uso de recursos tecnológicos durante suas aulas de baterias na universidade. Visto isso, buscamos entender na pesquisa como os recursos poderiam ser utilizados dentro do ambiente de sala de aula.

E ao falarmos sobre o uso da tecnologia dentro das aulas de bateria, podemos pensar na aplicação de todos os usos de recursos tecnológicos citados nos capítulos anteriores pelos próprios alunos. O uso do *smartphone* com suas diversas funcionalidades, pode ser um recurso utilizado dentro da sala de aula. O uso de gravações de áudio e de vídeo para análise do som do instrumento, da performance do estudante e de outros bateristas, também podem ser utilizados como recursos nas aulas de bateria.

O entrevistado Kamillo sugere como poderia ser trabalhada a apreciação através do uso da gravação:

[...] a gente sabe que um dos pontos que é negligenciado, e é o principal, é o som. E essas coisas aí de som, a gente sempre aprende na vida, tocando e ouvindo gravações. Eu percebo que isso muitas vezes, embora seja conversado dentro da universidade, não é trabalhado na prática em si. Porque eu posso falar ‘*você tem que pensar nisso*’, mas se tu pudesse mostrar na prática, tipo eu pedia para o aluno tocar alguma coisa, gravava e depois ia analisar com ele aquilo que foi gravado. É um recurso que seria bem interessante (KAMILLO).

Temos aqui a possibilidade de uso da tecnologia tanto para aulas de forma remota, como para aulas presenciais. Tal proposta pode se aproximar ou até igualar-se aos vídeos disponíveis no YouTube, que como relatam os entrevistados, são materiais bastante utilizados nos seus estudos de instrumento. Com este recurso dentro da sala de aula é possível disponibilizar ao estudante um material audiovisual com fim didático e que pode ser sempre revisitado mediante dúvidas que surgirem durante seu estudo.

Ademais, o uso da gravação como um recurso de ensino-aprendizagem também torna-se necessário para aulas online de bateria, como as que estão ocorrendo no momento em que está pesquisa está sendo feita por decorrência da pandemia da Covid-19. Visto que, como já discutido anteriormente, as condições para realização de aulas de bateria por meio de videoconferências não são as mais favoráveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões e análises realizadas neste artigo explicitaram que o processo de aprendizagem de bateria aliado ao uso de recursos tecnológicos podem proporcionar ao baterista alternativas para o estudo do seu instrumento. O uso desses recursos podem proporcionar o desenvolvimento da autoavaliação, da autoaprendizagem, da autonomia do baterista, diferentes práticas musicais e diferentes formas de se estudar o instrumento.

Desse modo, este trabalho defende a inserção de recursos tecnológicos dentro das aulas de bateria da UFPB. Pois, a tecnologia, como hoje se apresenta, é uma realidade e o seu uso é inevitável, portanto, entendemos que o mais eficaz é entender como utilizar esta tecnologia de maneira positiva para o baterista.

Assim, faz-se necessário que o ensino do instrumento aliado ao uso de recurso tecnológicos esteja inserido dentro do processo de ensino-aprendizagem de bateria de forma sistemática, possibilitando aos alunos e professores outros caminhos para a aprendizagem e o ensino do instrumento. Para assim viabilizar todos os benefícios citados neste trabalho. Tais como: a construção da autonomia, favorecer ao estudante uma melhor autoavaliação e autoaprendizagem, diferentes práticas musicais e formas de estudar a bateria.

Com essas premissas podemos pensar e entender o processo de aprendizagem do baterista de maneira ampla, consciente e contextualizada com as vivências de cada aluno. Compreender que o professor pode ser uma figura que colabora para o desenvolvimento da

consciência do seu aluno e o capacita para que o mesmo consiga cada vez mais ter independência e consciência de sua aprendizagem no instrumento.

Referências

BASTOS, Patricio de Lavenère. *Trajetória de formação de bateristas no Distrito Federal: um estudo de entrevistas*. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

FRANÇA, Cecília Cavaliere; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em pauta*, v. 13, n. 21, p. 5, 2002.

GOHN, Daniel Marcondes. Aplicativos para aprendizagem de bateria: o caminho do controle sonoro. *Música em contexto*, Brasília, ano 10, n. 1. p. 53-71, out. 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231258531.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2021.

HAMOND, L.; ADDESSI, A. R. Perspectivas de alunos de Bacharelado em Piano quanto ao uso do software MIROR- Impro para desenvolvimento de improvisação. *Orfeu*, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 79-103, 2019. DOI: 10.5965/2525530404022019079. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530404022019079>. Acesso em: 07 ago. 2021.

KRÜGER, Susana Ester; GERLING, Cristina Capparelli; HENTSCHE, Liane. Utilização de softwares no processo de ensino e aprendizagem de instrumentos de teclado. *Opus*, v. 6, p. 60-76, 1999. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/71>. Acesso em: 07 ago. 2021.

LEME, Gerson Rios. *Professores de escolas de música: um estudo sobre a utilização de tecnologias*. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

MELO, Bruno Torres Araújo de. O Ensino Prático de Bateria com Utilização de Novas Tecnologias: gravação de videoclipes. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2011, Vitória. *Anais [...]*. Vitória: ABEM, 2011. p. 1717-1726.

_____. *Os efeitos de estudos formais associados ao recurso didático da gravação na prática de bateristas populares*. 2015. 200 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SCHRAMM, Rodrigo. Tecnologias aplicadas à educação musical. *RENOTE*, v. 7, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13700/7751>. Acesso em: 07 ago. 2021.